
Mídia Indígena e TV Quilombo: a dimensão do cuidado e da gambiarra na produção de narrativas autônomas plataformizadas¹

Evandro J. M. LAIA²
Lara Linhalis GUIMARÃES³
Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana MG

RESUMO

O artigo apresenta a produção e disseminação de narrativas autônomas em plataformas digitais como um eco da experiência do uso midiativista destes espaços. Destaca esta possibilidade de produção fora do agendamento midiático, ainda que nas plataformas geridas por grandes monopólios da comunicação. Reflete sobre a produção de gambiarras e a possibilidade de uma comunicação balizada pelo cuidado. E mapeia essas duas pistas nas experiências do coletivo Mídia Indígena e do grupo TV Quilombo, ambas protagonizadas por jovens comunicadores ligados aos seus territórios, apontando a potência de construção de narrativas autônomas em ambiente plataformizado.

PALAVRAS-CHAVE: gambiarra; ética do cuidado; narrativas autônomas; plataformização; ecologia das mídias

APRESENTAÇÃO

Esta reflexão é fruto de uma série de observações sobre as narrativas audiovisuais produzidas e distribuídas em plataformas digitais, em um percurso que traçamos a partir das desestabilizações e reorganizações do ecossistema midiático impulsionadas pela produção de narrativas autônomas (Laia, 2023). O termo é entendido aqui como um guarda-chuva que abarca uma infinidade de relatos diversos, unidos pela ideia de que foram produzidos para visibilizar situações e temas que não passam, ou não passavam, até então, pelo agendamento midiático.

No Brasil, a organização do trabalho de midiativistas, durante o Junho de 2013, foi inspirada por experiências coletivas anteriores, ganhou notoriedade e estimulou a formação de novos grupos que teceram uma rede colaborativa de produção de conteúdo sobre violação de direitos, produzindo discursos autônomos que não passavam pelo filtro dos grandes veículos de comunicação, mas os agendava (Medeiros, 2022). É fato

¹ Trabalho apresentado no GP Tecnologias e Culturas Digitais, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFOP. Doutor em Comunicação pela UFRJ. E-mail: evandro.medeiros@ufop.edu.br.

³ Professora do Departamento de Jornalismo da UFOP. Doutora em Comunicação pela UFRJ. E-mail: lara.guimaraes@ufop.edu.br.

que as maiores empresas do setor de tecnologia da informação do mundo, conhecidas como Big Techs, formam, hoje, um monopólio de escala global. Tal feito aconteceu em pouco tempo, justamente entre o período em que Manuel Castells (2013) defendeu, nos protestos que chamou de “redes de indignação e esperança”, a ideia das narrativas autônomas em redes sociais como um “pós-mídia” e o momento presente, quando a ideia deste “pós” não se concretizou.

O nosso interesse é o fato de que, mais de uma década depois do início dos protestos em rede, a produção de narrativas autônomas tornou-se algo comum e ganhou novas características. De lá pra cá, emergiram, nas plataformas digitais, mais vozes ligadas aos seus territórios, ou, nas palavras de Ailton Krenak (2019, p.21), "aqueles que ficam meio esquecidos pelas bordas do planeta, nas margens dos rios, nas beiras dos oceanos, na África, na Ásia ou na América Latina. São caiçaras, índios, quilombolas, aborígenes - a sub-humanidade". Por isso a relevância de entender a experiência de quem tem produzido narrativas autônomas em plataformas digitais, como é o caso da Mídia Indígena, um coletivo composto por indígenas de etnias e territórios de todo o Brasil, e da TV Quilombo, um grupo que produz comunicação sobre a comunidade quilombola em que vivem, no estado brasileiro do Maranhão.

Experiências como estas rearticulam a ecologia midiática. E com alguma frequência, isso acontece a partir de soluções criativas, arranjos temporários, “gambiaras”, termo cujo sentido é fruto da observação das soluções encontradas por midiativistas para transmissão de protestos.

Podemos entender aqui a gambiarra como uma solução, nem sempre provisória, que é fruto de uma criação coletiva, em uma situação de emergência. E é uma solução muito particular, inventada a partir das possibilidades materiais disponíveis. Também está aqui implícita a ideia de apropriação e resignificação. (Medeiros, 2022, p.172)

O desejo por conhecer *como se conhece* e *como se traduz*, derivando daí as narrativas autônomas, a partir da cosmovisão de povos originários, nos conduz, entre outras coisas, a uma mirada sobre que tipo de ética (ou qual análogo do que chamamos de ética) é prerrogativa nessas traduções de mundos produzidas nas bordas do planeta. Sobre este modo de conhecer o mundo, o antropólogo Renzo Taddei (2020) faz a seguinte inferência: há um limite no que pode ser conhecido, assim, é impossível que o

xamã conheça tudo, de modo que cada ato de conhecimento deva ser primordialmente um ato de cuidado.

O não-conhecer é fundamental na filosofia indígena. E justamente porque o não-conhecer é fundamental, o que sobressai daí é uma lógica do cuidado. Eu não sei o que está acontecendo, mas eu sei que eu preciso tomar cuidado, eu preciso cuidar das coisas. Ou seja, eu não conheço o mundo da onça, mas eu cuido da relação com a onça. E é isso que mantém o universo funcionando. (Taddei, 2020)

Essa ideia aparece no perspectivismo ameríndio e está presente também nos relatos de Ailton Krenak (2019) e Davi Kopenawa (2015), especialmente. Esse movimento envolve uma reflexão sobre cada ato de tradução de mundos, tendo em vista a premissa do cuidado na produção da diferença, o que nos faz retornar à figura do xamã, que são como viajantes no tempo e no espaço, diplomatas e tradutores. Tal postura, *modus operandi* dos xamãs, parece-nos apropriado, enquanto estratégia, na condução de processos comunicacionais os mais diversos. Na produção de narrativas autônomas podemos identificar, em menor ou maior grau, a tradução por apalpadelas, a partir das experiências da Mídia Indígena e da TV Quilombo, dois grupos que desenvolvem uma ecologia midiática improvisada a partir da perspectiva do cuidado.

MÍDIA INDÍGENA E TV QUILOMBO

A Mídia Indígena é um coletivo que reúne indígenas de diversas comunidades, regiões e povos, para produção e disseminação de conteúdos sobre os povos originários do Brasil em plataformas digitais. O grupo está organizado em rede, protagonizado por jovens comunicadores que produzem conteúdo e capacitam comunidades em diversos territórios para fazer o mesmo. Há uma ecologia de plataformas, onde são disponibilizados os materiais produzidos diretamente por este pequeno grupo, mas também por parceiros em todo o Brasil, que incluem o site da Mídia Indígena⁴, que dá acesso aos links das contas do Instagram⁵, Facebook⁶ e Twitter⁷. A plataforma em que estão as produções mais robustas do grupo é o Youtube⁸, no qual há playlists com

⁴ <https://midiaindia.org>

⁵ <https://www.instagram.com/midiaindiaoficial/>

⁶ <https://pt-br.facebook.com/VozDosPovos/>

⁷ https://twitter.com/midia_india

⁸ <https://www.youtube.com/channel/UCew9kMUY2LKKiQdRwITfWXQ>

vídeos sobre determinados temas ou acontecimentos, além da transmissão ao vivo e da produção de webséries.

Os conteúdos do grupo são marcados pela cobertura de interesses dos povos indígenas do Brasil, para além da cobertura midiática, a partir de dentro, do ponto de vista de quem vive na pele a questão. Porém é prudente, lembrar que, embora a Mídia Indígena seja protagonizada por comunicadores indígenas, há centenas de etnias e línguas de diferentes povos no território brasileiro, que se conectam, por vezes, apenas pelo fato de figurarem numa mesma lista de povos originários. É importante levarmos isso em conta ao pensar que, como tradutores, os comunicadores da Mídia Índia acessam mundos que não conhecem, mas que cuidam, de acordo com Eric Marky Terena, co-fundador:

Quando a gente está dentro dos territórios a gente respeita as diferenças. O brasileiro talvez devesse entender isso um pouco melhor. As diferenças não são o estranho, a diferença é respeito. Então, estamos dentro do território respeitando tudo isso que está acontecendo (...). Quando a gente vai fazer essa oficina, e falar sobre esse empenho de estar dentro ali no território, é tudo ditado conforme o cotidiano da comunidade que a gente está participando (Terena, 2021).

Lídia Guajajara e Kelly Boone Guajajara (2022), ativistas indígenas e comunicadoras digitais que fazem parte da Mídia Indígena, dão pistas deste cuidado nos processos envolvidos na produção dos conteúdos, mas também na divulgação, uma vez que zelar pela forma como a informação chega a outros públicos é também cuidar de quem a vivenciou:

Eu vou para uma comunidade que não conheço, sempre vai ter esse certo cuidado “Será que eu posso tirar foto? Será que eles permitem? Será que eu posso filmar?”. Então sempre tem isso e quando a gente conhece o nosso coletivo, as nossas bases, a gente fica no receio porque a gente conhece, porque “se na minha aldeia é assim, imagina no outro território”. Então sempre tem um limite. A gente chega nos lugares, pede licença, pede autorização. (Guajajara, 2022)

A TV Quilombo é um grupo de produção multiplataforma criado em 2017 por jovens do Quilombo Rampa, situado a 27 quilômetros da cidade de Vargem Grande, no interior do Maranhão. O território abriga quatro comunidades nas quais vivem cerca de 500 pessoas. A ecologia de mídias do grupo é composta por um site⁹, que dá acesso aos

⁹ <https://www.tvquilombo.com.br/>

links das contas do Instagram¹⁰, Facebook¹¹ e Twitte¹². A plataforma que é atualizada com mais frequência e com materiais mais longos é o Youtube¹³, principal espaço do grupo, por onde são distribuídas as coberturas de eventos e acontecimentos das comunidades, além das narrativas sobre tradições e sociabilidades quilombolas. O material também é disponibilizado no repositório SoundCloud¹⁴, também uma plataforma digital.

Esse conjunto de práticas midiáticas nasce a partir da necessidade da comunidade de divulgar a cultura quilombola e ocupar espaços de visibilidade. “A gente não se via na televisão, a gente não se via nas redes sociais”, explica Raimundo José da Silva Leite (2022), um dos fundadores. Para isso, os jovens do quilombo inventaram equipamentos como câmera de papelão, microfone de graveto, bambú drone e tripé de bambú, produzidos com materiais encontrados na própria comunidade. Destacamos aqui a ideia de criar uma câmera de papelão, algo que, no início do projeto, funcionava para que os participantes imaginassem como fariam os registros, se tivessem acesso aos meios para isso, já que o grupo não tinha nenhum *smartphone* disponível para isso. Quando foi possível, de fato, produzir audiovisual, o grupo já sabia exatamente como fazer, de acordo com Raimundo.

Vislumbramos aqui um “modo de fazer” narrativas autônomas que dialoga com a ideia de gambiarra, uma solução emergencial, que ganha contornos de arranjo permanente, a partir da qual entendemos todos os processos comunicacionais, sejam eles baseados em tecnologias ancestrais, contemporâneas - como as redes sociais e plataformas digitais no geral - ou mesmo em processos combinados. No caso da TV Quilombo, esta é ainda uma estratégia de reconhecimento da comunidade, além de solucionar um possível déficit de equipamentos para a produção dos conteúdos. Raimundo diz que “todo material da TV Quilombo é pensado na questão de você se sentir representado, desde os pequenos detalhes”. O que se mostra também um exercício de tradução sob a ótica do cuidado.

Tirando a câmera de papelão, os outros materiais são feitos a partir da natureza que a comunidade tem contato direto porque faz parte da vivência.

¹⁰ https://www.instagram.com/tv_quilomborampa/

¹¹ <https://www.facebook.com/TvQuilombo/>

¹² <https://mobile.twitter.com/quilombotv>

¹³ <https://www.youtube.com/channel/UC5SKAZwEfT8I-fcVTzHsjNg>

¹⁴ <https://soundcloud.com/raimundo-jose-113180298>

A gente costuma dizer: ‘A gente usa todo tipo de tecnologia atual que possa melhorar os áudios e vídeos, mas o ponto é usar toda a tecnologia natural’. Nunca substituir nada novo pelo que a gente já tem. (Leite, 2022)

A preocupação com a dimensão do outro, tendo como pressuposto o que entendemos como “ética do cuidado”, é também tônica dos processos envolvidos na produção dos conteúdos, assim como identificamos nas falas de integrantes da Mídia Indígena, expostas anteriormente. Nas duas experiências identificamos a emergência de gambiarras como soluções para a produção das narrativas, assim como a presença do cuidado na produção, especialmente no que diz respeito ao que é desconhecido. Estes dois movimentos fornecem pistas para entender o modo como produz-se uma outra comunicação no ecossistema midiático plataformizado.

REFERÊNCIAS

- CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- GUAJAJARA, Kelly; GUAJAJARA, Lídia. Podcast Parabolicamará - Ep.3 **Podcast Parabolicamará**, Spotify, maio 2022. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/3djCodd1r2YOCHzeCjpBNY?si=3hzdBCLROGO1oLni5vYYjw&utm_source=whatsapp&nd=1. Acesso em: 04 jun. 2024.
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**: palavras de um xamã yanomami. São Paulo : Companhia das Letras, 2015.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- LAIA, E. J. M. Notas para uma ecologia das narrativas autônomas em audiovisual streaming: do Junho de 2013 à pandemia. **Mídia e Cotidiano**, v. 17, n. 2, 19 maio 2023.
- LEITE, Raimundo José da Silva. Audiovisual e povos quilombolas. [palestra] **II Seminário Audiovisuais Emergentes**, Youtube, junho 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=8TOKWKQY_I8. Acesso em: 04 jun. 2024.
- MEDEIROS, Evandro. **O jornalismo em equívoco**: sobre o telefone celular e a invenção diferenciante. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2022.
- TADDEI, Renzo. Jornalismo possíveis, mundos possíveis. [Entrevista concedida a] Evandro Medeiros Laia e Lara Linhalis Guimarães. **Série audiovisual Traduções**, Youtube, episódio 1, maio 2020. Disponível em: <youtube.com/jornalimos>. Acesso em: 25 maio 2024.
- TERENA, Erik; FRANCO, Thiago. Animismos Digitais. [Entrevista concedida a] Evandro Medeiros Laia e Lara Linhalis Guimarães. **Série audiovisual Traduções - Gambiarras**, Youtube, episódio 4, abril 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=j9JBFhSI0HM&t=1591s>. Acesso em: 04 jun. 2024.